Escola Secundária Domingos Rebelo

Literatura Portuguesa 2
2010/2011

Projecto Individual de Leitura
Texto Dramático do Século XX

O Judeu,
de Bernardo Santareno

Realizado por:

Carolina Arruda, nº 3
11ºG

Ponta Delgada, Outubro de 2010

Bernardo Santareno (pseudónimo literário de António Martinho do Rosário) nasceu em Santarém, a 19 de Novembro de 1920, e é considerado o maior dramaturgo português do século XX, como defendem, por exemplo, António José Saraiva e Óscar Lopes, na *História da Literatura Portuguesa*: "A mais conhecida revelação de uma personalidade de dramaturgo é, nos últimos decénios, a de Bernardo Santareno (pseudónimo de António Martinho do Rosário, n.1924), cuja bela imaginação dialogal e cénica vai inspirar-se na fraseologia e num misto de poesia e superstição populares, e organiza tal inspiração segundo certo sentimento, erótico e religioso, de uma íntima comunhão humana a realizar. [...] assinalam uma evolução em sentido de denúncia das repressões inquisitoriais ou fascistas, com integração dos recursos e obsessões já anteriormente pessoais."[1]

Filho de Joaquim Martinho do Rosário e Maria Ventura Lavareda, estudou no Liceu Nacional de Sá da Bandeira até 1939, em Santarém. Depois, frequentou os cursos preparatórios para a Faculdade de Medicina, na Universidade de Lisboa e, em 1945, transferiu-se para a Universidade de Coimbra, onde se licenciou em medicina psiquiátrica em 1950.

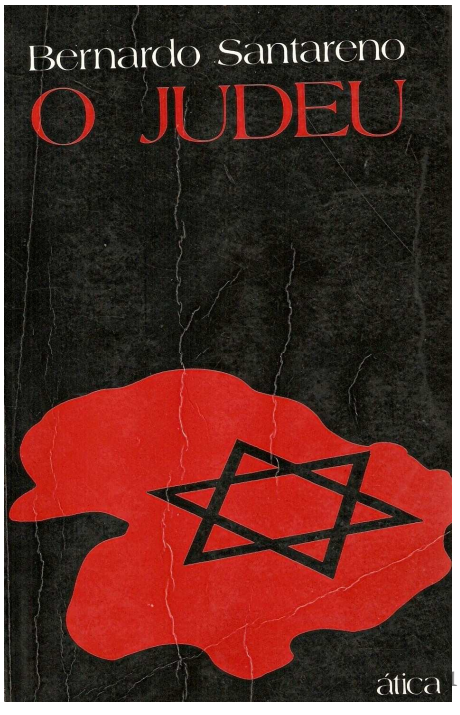
Santareno, como intelectual de esquerda, teve vários problemas com o regime salazarista, sendo que a sua obra *A Promessa* foi retirada de cena por pressão da Igreja Católica.

Na maioria das suas peças de teatro, temos presentes os seguintes temas: a luta contra todo o tipo de discriminação, política, racial, económica ou sexual (até porque Santareno era um "homossexual discreto"); a defesa da liberdade individual face aos preconceitos morais e sociais da época, como o adultério, a virgindade, o papel da mulher no casamento, a moral religiosa, entre outros.

Em 1979, colabora com César de Oliveira, Rogério Bracinha e Ary dos Santos na autoria do texto da peça de Sérgio de Azevedo, *P'ra Trás Mija a Burra* (1975).

O autor publicou não só textos dramáticos, como também poesia e prosa, tendo sido distinguido três vezes com o *Prémio Imprensa*.

Bernardo Santareno faleceu em Oeiras, a 29 de Agosto de 1980, com apenas 59 anos de idade. Está sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.



O Judeu é portador de uma grande carga humorística, presente, principalmente, nas falas do Cavaleiro de Oliveira, uma das personagens mais relevantes. Para além disso, esta obra apresenta uma forte crítica social ao regime Salazarista e à Inquisição, mais concretamente, ao Tribunal, ou seja, o Tribunal do Santo Ofício, que, na altura, perseguia e acusava, muitas vezes, injustamente, várias pessoas, nomeadamente cristãos-novos (judeus convertidos).

António José da Silva, filho de judeus e cristão-novo, com 21 anos de idade (no início da história) e estudante de Direito, vive amedrontado, com receio

[1] António José Saraiva e Óscar Lopes, op. cit.

de ser torturado e encarcerado pela Inquisição, algo que acontece logo no início da obra, com um auto-de-fé, onde o protagonista, sua mãe, Lourença Coutinho, e outras pessoas ouvem o seu julgamento e os insultos penosos e desumanos do povo. António já tinha sido preso, culpado de Judaísmo, e no julgamento fica a saber que terá de usar o hábito penitencial durante seis meses.

Desde sempre, o Cavaleiro de Oliveira, que acaba por ter um papel de narrador-comentador da peça, que vive em Londres, defende constantemente a inocência de António ("Nele e por causa dele [Tribunal da Inquisição] sofre tormentos sem conto António José da Silva, o Judeu. Inocente. Protesto! E sofro. Deus meu, sofro, sofro muito…!") e critica o país. Dotadas de humor e ironia, as falas do Cavaleiro são autênticos insultos à situação de medo e terror que os portugueses vivem, o atraso que existe a nível social e económico, contrariamente à restante Europa, as injustiças cometidas, não só pela polícia do estado, mas também pelo Tribunal do Santo Ofício: "Que Portugal seja um relógio, em muitos anos atrasado da hora que segue a Europa civilizada […] Quando toda a Europa esquecendo vai já o repugnante pesadelo dos autos-de-fé, quando mesmo a vizinha Espanha cuida de os espaçar e esconder…Portugal lança-os aos olhos horrorizados do mundo […] Protesto! Porque à Inquisição se deve o empobrecimento do Reino; porque, para subsistir, o Santo Ofício inventa judeus como outros fabricam moeda…!".

A certa altura da peça, António diz que irá conquistar o povo/público através do riso, promessa que consegue cumprir, aquando da representação das suas peças, no Teatro do Bairro Alto. Acaba por se casar com Leonor, quando tem, possivelmente, cerca de 30 anos.

Os Inquisidores que nos são apresentados são austeros, rigorosos, intolerantes, acabando por representar claramente o clima manipulador e intransigente que se vivia em Portugal na altura da Inquisição, que, nesta obra, é comparado ao clima do regime salazarista do século XX. Por outras palavras, Bernardo Santareno, no século XX, ao deparar-se com a autoridade e a inflexibilidade do regime de Salazar, decidiu criticar o Estado Novo, tomando como base de argumentação a Inquisição, que assombrara Portugal três séculos antes.

Neste texto dramático, há personagens que representam certos meios, certas situações, como por exemplo, o "Estudante Pálido" que afigura a PIDE, ou o Inquisidor-Mor, que tem semelhanças físicas e psicológicas com Salazar. Há ainda a referir um presságio do massacre e das perseguições nazis aos Judeus, situação que nos é apresentada num pesadelo de Lourença Coutinho, mãe de António Silva.

António José da Silva acaba por morrer num auto-de-fé, torturado e incendiado em praça pública, perante os olhares tristes da mãe e esposa e os olhares sanguinários e maldosos do povo.

O Cavaleiro de Oliveira mostra mais uma vez o seu apoio a António e a sua revolta em relação ao seu país, dizendo "Iluminai o povo de Portugal!", de modo a mostrar que só um povo esclarecido será capaz de combater e travar as atrocidades cometidas bem patentes nesta peça.

A meu ver, este texto dramático descreve e critica fortemente o clima de terror em Portugal, durante o Estado Novo, que fora semelhantemente vivido aquando da Inquisição, tendo em conta o tempo da história. Vemos bem o atraso social,

económico e político do nosso país, contrariamente à restante Europa civilizada. Vemos tudo isto através da personagem d' O Cavaleiro de Oliveira e das suas falas, dotadas de muita ironia, discernimento, frontalidade, que nos apontam para os principais defeitos do Portugal dessa época. O Cavaleiro sempre considerou a Inquisição ou o Tribunal do Santo Ofício o principal responsável pelo atraso do país, visto que muitas pessoas inocentes eram culpadas injustamente e vários judeus/cristãos-novos também.

Na minha opinião, Bernardo Santareno foi inteligente na forma como pôs a descoberto o estado de Portugal, e foi, até, corajoso, uma vez que a sua peça, que criticava o Estado e a Igreja, poderia ser censurada.

É de salientar o seguinte excerto, que resume claramente a crítica que é feita através das falas do Cavaleiro de Oliveira:

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

(Com desgosto e revolta) *Medo. O mesmo medo que enruga a mais pura alegria, que gera cobras na cama dos amantes, que deita neve nos mais negros cabelos, que seca o leite no peito das mães... No meu país quem governa é o medo! Os olhos e os ouvidos do medo crescem e multiplicam-se por toda a parte: Nem o pai, nem a mãe, nem a esposa, nem o irmão servem de porto abrigado; armadilhas de traição eles podem ser também. Em Portugal, as varejeiras do medo por toda a banda voam e em todas as cousas, vivas e mortas, de imprevisto pousam. Muitas, muitíssimas são; sem conto, realmente. As nojentas, as ardilosas, as pestíferas varejeiras do medo!* (Aponta enérgico para o sítio do palco onde o Estudante Pálido, meio oculto entre as pregas da cortina de fundo, aparece espiando o Judeu:) *Espião miserável, varejeira maldita!!* (O Estudante Pálido, como uma sombra, logo desaparece.) *Conhecem-se pelo fedor a podre, pela luz assassina dos olhos...* (Levanta-se com ímpeto; escarninho, desesperado:) *Na Europa civilizada, Portugal é a fortaleza do Medo; espiões e polícias, os seus alicerces e guarda!*

Este excerto está presente na primeira representação da peça *Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança*. António José da Silva descobre na escrita a sua realização e a possibilidade de dar um rumo diferente à sua vida.

António dá início à peça com uma fala de Sancho sobre a justiça, que é fortemente satirizada. Durante essa fala, o "Estudante Pálido" olha constantemente para António, de um forma cruel e intensa, causando terror e insegurança no Judeu.

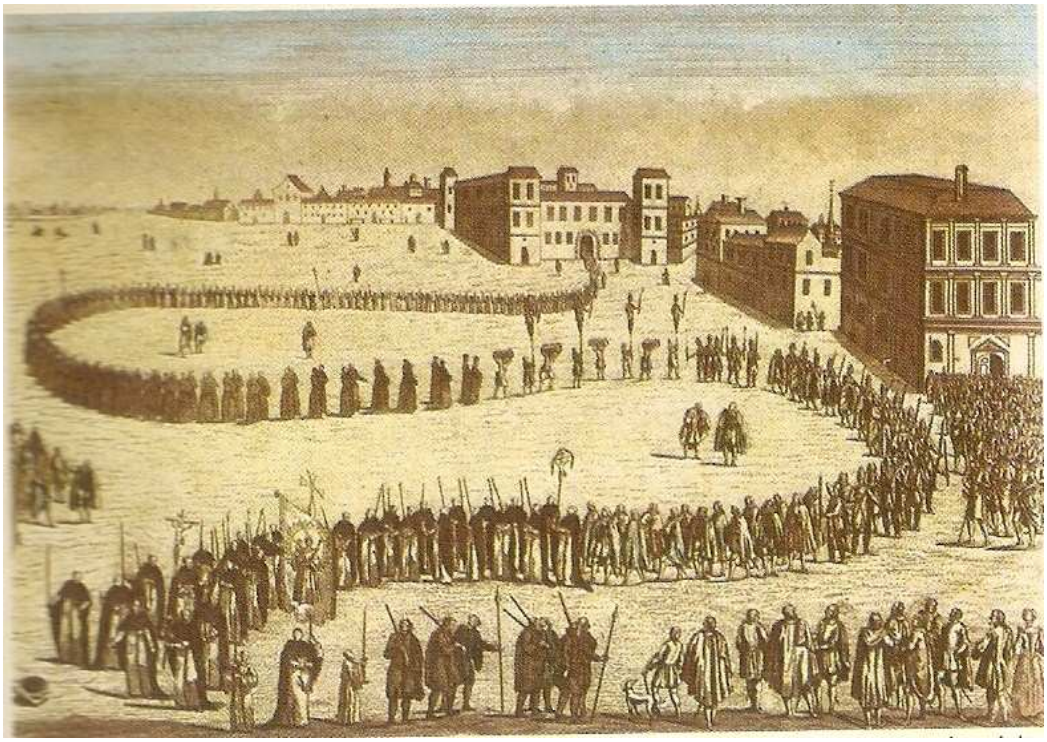
Perante tal situação, o Cavaleiro de Oliveira apresenta a sua opinião, como já havia feito durante toda a obra, dizendo convictamente que Portugal está mergulhado num clima de terror e medo, no qual as pessoas não se podem exprimir nem viver livremente. O Cavaleiro chega a comparar o pânico a moscas venenosas, contagiosas ("varejeiras"), de forma a entendermos que ele se alastrava por todas as pessoas rápida e engenhosamente.

Através da fala acima escrita, subentendemos a crítica do autor, Bernardo Santareno, à polícia política e ao estado decadente e aterrorizador de Portugal, na época em que escrevia.

Escolhi transcrever este excerto, porque é talvez o que melhor exprime a indignação, o atraso social, político e económico. Para além disso, escolhi-o para demonstrar que esta peça, mesmo tendo sido escrita há umas décadas atrás, tem um tema muito actual, principalmente, na época de crise pela qual estamos a passar. Embora já não haja em Portugal a Inquisição e a censura, continua a haver um atraso a vários níveis, em relação a outros países, desigualdades e até privilégios que não deviam existir.

Para além disso, o Cavaleiro de Oliveira é a minha personagem preferida, uma vez que é a personagem que mais defende a honra e a inocência do Judeu. Critica, com coragem e sem medo, o seu país e tenta mostrar a Portugal que é possível ir por outro caminho, até porque, no fim do livro, diz: "Iluminai o Povo de Portugal!".

Embora estivesse exilado em Londres, continuava sempre a pensar em Portugal, no seu atraso em relação à restante Europa, mostrando que, mesmo estando longe do seu país, sentia o medo e a insegurança que em Portugal se vivia.



O Auto-de-Fé (saída da procissão da Sede da Inquisição de Lisboa, no Rossio, segundo gravura do século XVIII.

Diz o Inquisidor-Mor, pág.84: "Só o medo tem força para estrangular no homem a fome voraz do pecado". Esta frase, em parte, é verdade, dado que, quando temos medo, hesitamos muito mais em experimentar as coisas más, em aproximarmo-nos delas, evitando, assim, catástrofes, tanto individuais como colectivas/sociais.

Por exemplo, podemos considerar um tema da actualidade: a droga. Se a maioria dos jovens tivesse medo da droga, receio de experimentar, muito menos pessoas seriam toxicodependentes. Portanto, o medo acaba por ser um meio de combate, de defesa do que nos faz mal.

No entanto, o medo não deve residir em nós em demasia, uma vez que uma pessoa que viva à base do medo, nunca será inteiramente feliz e terá uma vida condicionada pelo receio e pelo terror, causando um desgaste físico e psicológico.

Esta obra tem um vocabulário por vezes não muito acessível, mas considero que tem uma história muito interessante, que nos transporta para o Portugal dos anos 60.

Sem dúvida, aconselho este livro a um colega, que goste de ler, tenha interesse e curiosidade pela nossa história e pela reacção da sociedade ao regime salazarista. Este é um livro que retrata muito bem essa época, a intolerância da Inquisição, dos séculos XVII e XVIII e a do Estado Português, no século XX.

O Judeu surpreende-nos pela sua mestria e qualidade.

Bibliografia e Sítios na Internet

- BARREIROS, António José, *História da Literatura Portuguesa séc. XIX-XX*. Volume 2. 12ª Edição. s/l: Editora PAX. p. 568.

- PINTO DO COUTO, Célia, MONTERROSO ROSAS, Maria Antónia (2008). *O Tempo da História* – História A 10ºAno. 3ª Parte. Porto: Porto Editora. pp. 124, 125.

- SANTARENO, Bernardo (1991). *O Judeu*. 12ª Edição. Lisboa: Ática. pp. 84,99,154,245.

- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 12ª Edição. Porto: Porto Editora. pp. 1144 e 1145.

- www.wikipedia.com, sob as palavras "Bernardo Santareno", "*O Judeu*".